

Índice

1. Do Tempo	11
2. Cicero, Vico e o Abbey	45
3. Baggotonia	57
4. Na Rua	85
5. Uma Vista da Palestina do Cimo do Fasga	121
6. A Rapariga no Jardim	143
7. O Tempo Reencontrado	179
Apêndice I	205
Apêndice II	207
Agradecimentos	209
Agradecimentos pelas Autorizações	211
Legendas das Imagens	213
Notas	217



Do Tempo

Dublin nunca foi verdadeiramente minha, o que a tornou ainda mais sedutora. Nasci em Wexford, uma pequena povoação que, naquela época, era bem mais pequena e bem mais isolada do que hoje, enclausurada no seu próprio passado. Faço anos a oito de dezembro, o dia da Imaculada Conceição — sempre encarei isto como um excelente exemplo da risível imprecisão no que diz respeito aos aniversários em que o Céu, com a sua propensão para as trapalhadas, é useiro e vezeiro. O dia oito era um feriado religioso e era também um dia festivo, em que os habitantes da província iam em massa até Dublin para fazerem as suas compras natalícias e para admirarem as iluminações de Natal. Não é de estranhar que o meu presente de aniversário, em anos sucessivos, ao longo da primeira metade da década de 50, fosse uma viagem de comboio até à capital, um acontecimento que eu aguardava com expectativa ao longo de meses e meses — desconfio, aliás, que a minha espera ansiosa pela excursão do ano seguinte tinha início assim que o dia oito de dezembro chegava ao fim.

Partíamos da North Station de Wexford, na escuridão ventosa daquela madrugada de inverno. Creio que ainda havia então

locomotivas a vapor, embora as automotoras a *diesel* começassem já a ganhar terreno. Era emocionante caminhar pelas ruas sombrias e desertas, com as ideias ainda turvas do sono, tendo pela frente a longa aventura daquele dia. O comboio chegava, vindo de Rosslare Harbour, trazendo passageiros de ar estremunhado, acabados de desembarcar do *ferry* noturno vindo de Fishguard, no País de Gales, metade deles bêbedos e a outra metade ainda a denotar os efeitos do enjoo. E lá íamos nós, pouca-terra, pouca-terra, a janela a meu lado convertida num espelho de vidro negro onde eu podia contemplar o meu reflexo carregado de sombras ameaçadoras e imaginar-me na pele de um agente secreto — era esta, invariavelmente, a designação dos espões nos romances de espionagem de outrora — a viajar no Expresso do Oriente, incumbido de uma missão ultraconfidencial nas misteriosas terras asiáticas, onde o perigo espreitava a cada passo.

Era quando íamos a passar pelas imediações de Arklow que a alvorada despontava, dando aos campos, alvos da geada, uma tonalidade de mica rósea a cintilar intensamente.

Certos acontecimentos à primeira vista insignificantes, ocorridos em certos lugares, gravam-se na nossa memória com uma intensidade e uma limpidez implausíveis — implausíveis porque possuem uma tal intensidade e limpidez que geram em nós a desconfiança de não passarem de invenção nossa; sentimos que o mais certo, numa palavra, é serem fruto da nossa imaginação. daquelas viagens de dezembro recorde, ou estou convicto de recordar, um dado lugar onde o comboio abrandava junto ao meandro de um rio — o rio Avoca, certamente —, um ponto que ainda hoje vejo claramente no meu espírito e ao qual regressei repetidas vezes nos meus romances, como neste caso, por exemplo, em *The Newton Letter*: